

## **Entrevista com Terezinha Féres-Carneiro – O campo da terapia de família: história e desafios**

Entrevista realizada por:

Fernanda RIBEIRO PALERMO

Terezinha Féres-Carneiro é doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com Pós-doutorado na Universidade Paris-Descartes. Nesta entrevista, Terezinha nos conta um pouco de sua trajetória na área da Psicoterapia de Família e de Casal, entremeada com o surgimento dessa abordagem no Rio de Janeiro e no Brasil. Sua rica trajetória profissional inclui um frutífero intercâmbio com a França, iniciado em 1988, e que se estende até os dias de hoje. Por fim, ela nos oferece sua visão sobre os desafios atuais e futuros para os psicoterapeutas de família e casal.

### **1- Poderia nos contar um pouco da sua trajetória na área de terapia de família e de casais?**

**Terezinha Féres-Carneiro:** Minha história pessoal na área de terapia de família e casal começou já na graduação. Havia uma pesquisadora americana, a doutora Hannah Kwiatkowska, da George Washington University, que tinha um convênio com a Pontifícia Universidade Católica (PUC- Rio). Ela tinha uma dupla formação: em Artes e em Psicologia, criou o método de avaliação familiar chamado ADF-Arte Diagnóstico Familiar, uma técnica gráfica projetiva de avaliação familiar. Ela vinha uma vez por ano ao Brasil, e eu me dediquei a essa área logo que comecei a carreira na PUC-Rio, trabalhando com psicodiagnóstico. Então a área de Avaliação Psicológica foi a primeira área em que atuei como professora. Depois passei para a área de psicoterapia. Então, essa técnica, Arte Diagnóstico Familiar, era uma técnica gráfica projetiva para fazer a avaliação da estrutura e da dinâmica familiar. Então, fiz essa formação com a Hannah em vários módulos. À época, 1972, na PUC-Rio, só havia uma possibilidade de fazer mestrado em Clínica, que era em Psicanálise Teórica. Quem coordenava e era a figura mais relevante da época na área, o Dr. Carlos Paes de Barros, veio a ser meu orientador.

Nessa época, não havia a área de Psicoterapia de Família na pós-graduação, nem na graduação. Quando eu estava no segundo período do mestrado, voltaram para o Brasil três pessoas que tinham feito formação em Terapia de Família no exterior: Lucia Ripper, com formação nos Estados Unidos, Ana Maria Hoëtte, na Inglaterra, e Gladys Brun, na Argentina. Lucia Ripper me procurou na PUC-Rio porque sabia que eu coordenava uma equipe de avaliação familiar. Eu tinha acabado de me formar, entrara no mestrado e dava supervisão na graduação no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da PUC-Rio. Vera Lemgruber, hoje atuando como psiquiatra, na época não tinha ainda cursado medicina, e tinha concluído, assim como eu, o curso da Hannah e era também professora da PUC-Rio. Então, nós fizemos uma equipe conjunta no SPA de Avaliação Familiar. Em geral,

o SPA era muito procurado para o atendimento de criança e adolescente, mas nós formamos uma equipe de Avaliação Familiar para entender a dinâmica da família que vinha buscar ajuda para os filhos, crianças ou adolescentes. Então, nós nos juntamos, Lucia entrou na equipe e, a partir do ano seguinte, passou a trabalhar conosco. Nessa mesma época, com mais alguns terapeutas (éramos sete), nós fundamos na Urca o CEFAC - Centro de Estudos de Família e Casal. Vários terapeutas de família davam formação, e nós começamos a atender em coterapia. Depois o CEFAC se tornou um centro de formação.

À época, na terapia de família predominavam, sobretudo, as abordagens sistêmicas. Todos nós tivemos uma formação inicial em Psicanálise. Eu estava fazendo uma dissertação em psicanálise. A Terapia de Família surge na década de 50, nos Estados Unidos e na Inglaterra, sobretudo como um contraponto à Psicanálise, deslocando a ideia do intrapsíquico para a de interrelacional. Mas como eu já tinha essa origem na Psicanálise, e, posteriormente, a formação em avaliação familiar com base psicanalítica, solicitei ao Dr. Carlos Paes de Barros mudar o tema da minha dissertação para a área de família. Até então, não tinha nenhum especialista na PUC-Rio nessa área. Eu queria construir um método de Avaliação Familiar que não precisasse de material algum, porque o método da Hannah precisa de papel, de lápis, de um lugar para o papel ser fixado, etc. Eu quis criar um método mais simples de Avaliação Familiar. Ele concordou, mantendo-se como meu orientador da parte formal da dissertação e a Lucia coorientando a parte de conteúdo.

## 2- Como você iniciou o seu intercâmbio acadêmico com a França?

**Terezinha Féres-Carneiro:** Eu fiz a minha dissertação numa abordagem mais sistêmica, criando a Entrevista Familiar Estruturada (EFE). A EFE não é completamente estruturada, mas é composta de seis tarefas. O método da Hannah tem seis desenhos, o meu, seis tarefas, em que eu peço às famílias para se imaginarem naquelas situações e responderem determinadas perguntas. Isso foi o mestrado. No doutorado, cursado na PUC-SP em 1979, pois, no Rio, à época, não havia doutorado em clínica, desenvolvi a pesquisa de validação da Entrevista Familiar Estruturada. Depois de ter defendido o doutorado, comecei a ler muito os franceses de abordagem psicanalítica que trabalhavam com casal. Assinei a revista *Dialogue*, dirigida e editada por Jean Lemaire, com quem eu vim a fazer o pós-doutorado. Ele trabalhava na Paris-Descartes Sorbonne (Paris 5).

Em 1988, fui para a Itália fazer um curso de verão de terapia familiar, no Instituto de Terapia Familiar de Roma. O curso era só para estrangeiros. Andolfi<sup>1</sup> dava o curso em inglês, e Anna Nicolò<sup>2</sup>, em francês. Então eu entrei no grupo da Anna e atendi famílias com ela; ela falava em italiano e eu em francês, e ela traduzia para a família. Mas, à época, a abordagem era mais sistêmica. Então, parte do meu pós-doutorado foi essa formação em Roma, e outra em Paris com Lemaire. A CAPES financiou minha ida para Roma e para Paris. Escolhi o professor Lemaire, porque eu tinha a ideia de articulação de teorias em mente, e ele, além de trabalhar na Paris 5, coordenava um grupo de estudos na Associação de Psicanálise e Sistemas Familiares, dirigida por ele, um dos autores que propõem articulação de teorias quando se trata de atendimento a família e casais.

<sup>1</sup> Um dos pioneiros da Psicoterapia Familiar na Europa. À época, diretor da *Accademia di Psicoterapia della Famiglia*.

<sup>2</sup> Neuropediatra infantil, psicanalista da *Société Psychanalytique Italienne* (SPI).

Lemaire propõe uma tríplice-chave de leitura para o trabalho com família, passando pelo intrapsíquico, enfatizado pela abordagem psicanalítica; o interacional, ressaltado pelas abordagens sistêmicas, e o social, relacionado ao contexto cultural e ao contexto social dos casais e das famílias. Então, atendi famílias com ele no Ancien Hôpital em Versailles, onde ele dirigia um centro de atendimento a crianças, adolescentes e famílias.

Um pouco antes da minha ida para o pós-doutorado, em 1987, eu conheci Pierre Berghozi, um psiquiatra que trabalhava em um centro de atendimento a famílias, crianças e adolescentes em Paris, mas que não era ligado à Universidade. Publiquei um artigo na *Dialogue*, em 1988 e voltei da França com a ideia fixa de articulação de teorias em psicoterapia de família e casal. Para mim, o purismo em terapia de família não é a melhor escolha, nem o psicanalítico, nem o sistêmico. É preciso ter esse tríplice olhar, como ressaltava Lemaire, que passa pelo intrapsíquico, pelo interacional e pelo social. Orientei muitos profissionais, no mestrado e no doutorado na área de família, com essa proposta de articulação. Quando já tinha um número significativo de doutorandos formados, criei o curso de Psicoterapia de Família e Casal na PUC-Rio, com essa proposta de articulação de teorias sistêmicas e psicanalíticas.

**3- Querida que você falasse um pouco, na sua visão, sobre a história da terapia de família no Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro. Como ela surgiu, e que espaço conquistou com o tempo.**

**Terezinha Féres-Carneiro:** A terapia de família chegou do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1973. Nesse ano, o Serviço de Psicologia Aplicada da PUC-Rio começou a atender famílias e casais. Até então, não se falava em terapia de família, não se atendia família nas clínicas. Havia, também, à época, no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB), Dr. Antônio Celso, um psicanalista com propostas para o atendimento de família. Ele trabalhava no IPUB, depois, foi trabalhar em uma Comunidade Terapêutica. A partir daí foram-se multiplicando Institutos de formação fundamentados, sobretudo, nas abordagens sistêmicas. Já havia uma equipe na PUC-Rio, o núcleo do IPUB e, mais tarde, no Hospital Pedro Ernesto, Hospital Universitário, ligado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado passou a coordenar um curso de especialização na abordagem psicanalítica. Os Institutos privados de formação, até hoje, são quase todos sistêmicos.

**4- Gostaria de que você nos falasse justamente sobre a inserção da terapia de família no público e no privado. Qual o alcance dessa abordagem para população?**

**Terezinha Féres-Carneiro:** Há um trabalho realizado com famílias em Minas Gerais, por duas antigas doutorandas, mas é raro. Em Juiz de Fora, com Aline Vilhena Lisboa, em Belo Horizonte, com Claudia Lins Cardoso, há atendimento em hospital público, no Programa Saúde da Família. A terapia de família está mais presente aqui no Rio, com certeza, no setor privado, pois são muitos os institutos de formação. Existe, também, a possibilidade de atendimento às populações menos privilegiadas economicamente, nas clínicas sociais, como, por exemplo, nos Serviços de Psicologia Aplicada (SPAs) das Universidades. Na PUC-Rio, e, possivelmente, nos SPAs das demais universidades, o atendimento é realizado mediante pagamento simbólico.

**5- Na sua visão, quais foram os desafios enfrentados, inicialmente, pela psicoterapia de família e quais são os desafios futuros?**

**Terezinha Féres-Carneiro:** Penso que o primeiro desafio para a terapia de família se consolidar foi encontrar espaço na área de saúde mental. Porque, no início, havia uma resistência à terapia de família. Esse foi o primeiro grande desafio, ocuparmos um espaço como psicoterapeutas e psicanalistas de família e casal. O modelo clássico da psicanálise influenciou todo o Brasil, mas, hoje, vemos uma grande expansão das terapias cognitivas, abordagens pragmáticas, imediatistas e de resolução de sintomas.

É espantoso, fico perplexa ao ver como essas terapias se expandem. Isso me assusta quanto ao nosso futuro. Penso que a Psicanálise está perdendo muito espaço. Precisamos estar presentes no debate sobre a saúde mental, mais e mais. Estamos sendo atropelados, invadidos pelas teorias pragmáticas que se centram na resolução do sintoma, quando sabemos bem que não é esse o ponto. É importante tratar o sintoma, mas não como objetivo principal e sim, como resultado de um trabalho de reflexão, de tomada de consciência e de elaboração.